

CORPOREIDADE NEGRA: REFLEXÕES DA COR DA PELE E DO CABELO AFRO NO ESPAÇO ESCOLAR¹

Kátia Karoline Ferreira Silva

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri – URCA, bolsista do Núcleo de Acessibilidade da Universidade Regional do Cariri – NUARC

katiakaroline2016@gmail.com

Cicera Nunes

Professora Efetiva do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA.
Responsável pela disciplina: Educação e Cultura Afrodescendente. Doutora em Educação Brasileira.

cicera.urca@gmail.com

RESUMO

O referido artigo tem como ensejo considerar algumas questões de cunho reflexivo sobre a corporeidade negra presente no espaço escolar. Partindo da contribuição da escola enquanto instituição formadora, no processo de construção do indivíduo, objetiva-se construir uma breve reflexão sobre como os professores e alunos negros e brancos convivem e trabalham a partir dos dois elementos definidos pela sociedade brasileira e usados culturalmente para definir o pertencimento étnico-racial dos indivíduos, que são a cor da pele e o cabelo. Todavia, justifica-se o diálogo entre os profissionais da educação, os alunos e os familiares na construção de atividades pedagógicas que contribuam para a desconstrução de estereótipos e da discriminação racial, bem como para fortalecer a luta por espaço nos currículos e nas discussões pedagógicas para refletir sobre tais questões. Pode se considerar que tal reflexão é necessária e pertinente para todos os envolvidos de forma direta ou indireta na construção da corporeidade do aluno negro no espaço escolar.

Palavras-Chave: Corporeidade Negra. Escola. Construção de Identidade.

Introdução

A escola enquanto instituição formadora contribui diretamente no processo de construção de identidade das crianças. Nesse espaço, desde cedo aprendemos e vivenciamos experiências que vão além dos saberes e conteúdos escolares, e se aproximam de crenças, hábitos, valores, preconceitos raciais, de classe, gênero e idade.

A incorporação de temas voltados para a construção de identidade negra na escola na produção teórica educacional, contribui para que tais questões sejam realmente compreendidas no referido espaço. No entanto, ainda é preciso considerar as várias vertentes que envolvem a questão racial na escola, ressaltando representações, valores e até mesmo mitos, que fazem parte da formação simbólica, por meio dos quais crianças, jovens, adultos, homens e mulheres negros constroem sua identidade nos mais diversos contextos.

1. Este trabalho é resultado da participação no Artefatos da Cultura Negra, evento que acontece anualmente na Universidade Regional Do Cariri – URCA, Crato – CE.

O diálogo entre os profissionais da educação, os alunos e os familiares na construção de atividades pedagógicas que contribuam para a desconstrução de estereótipos e da discriminação racial, bem como para fortalecer a luta por espaço nos currículos e nas discussões pedagógicas para refletir sobre tais questões.

Corporeidade Negra: reflexões da cor da pele e do cabelo afro no espaço escolar

Tanto na instituição escolar, como na sociedade, nós utilizamos o corpo como um meio de comunicação, partindo da construção biológica e simbólica desse corpo presente na cultura e na história em que estamos inseridos. Sendo assim, segundo Gomes (2002, p. 41), “[...] o corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo.” Os diferentes padrões estéticos e percepções de mundo são evidenciados através do corpo. A relação do homem com o corpo se constrói a partir de um processo de alteração. Sendo assim o corpo na medida em que vai sendo tocado e alterado, passa por momentos de humanização e desumanização.

A cultura com seus padrões culturalmente estabelecidos direcionados à busca constante de afirmação de uma identidade grupal específica tende a modificar a experiência corporal do indivíduo. Partindo do olhar sobre o corpo negro na escola iniciaremos uma breve reflexão sobre como os professores e alunos negros e brancos convivem e trabalham os dois elementos definidos pela sociedade brasileira, construídos e usados culturalmente para definir o pertencimento étnico-racial dos indivíduos, que são a cor da pele e o cabelo. (GOMES, 2002)

Um dos possíveis caminhos para a compreensão da identidade negra em nossa sociedade é o cabelo. O mesmo pode ser também utilizado instrumento de trabalho relacionado à questão racial no espaço escolar. Segundo Gomes (2003, p. 9) “em torno da manipulação do corpo e do cabelo do negro existe uma vasta história. Uma história ancestral e uma memória. Há, também, significações e tensões construídas no contexto das relações raciais e do racismo brasileiro.”

Mesmo sem referência explícita o discurso pedagógico sobre o negro, aborda impressões e representações sobre o corpo do mesmo. O cabelo tem se constituído como um dos principais símbolos desse processo, pois desde a escravidão o mesmo tem sido usado como elemento definidor do lugar do sujeito dentro do sistema de classificação racial brasileiro. (*Ibidem*)

A identidade cultural possui em seu cerne um caráter multimensional, variável, dinâmico e diverso. A mesma é definida por uma síntese constituída a partir de diversos fatores que

são determinados por um grupo social específico, partindo de um conjunto subjetivo que carrega próprios significados entre os grupos de mesma identidade. (CUNHA Jr., 2005)

Referente a esse assunto nos diz Cunha Jr. (2005, p. 258) que

A identidade negra ou afro-descendente é definida a partir das experiências sociais passadas pelos povos originários da África e pelos descendentes. A cultura processada, que serve de referência à identidade, não inclui apenas pessoas de fenótipo considerado “negro” na sociedade brasileira. [...] a definição de identidade, como vemos, tem sempre um caráter político.

A identidade negra se constrói gradativamente, e surge desde as primeiras relações estabelecidas em um grupo social mais íntimo. Geralmente tal processo se inicia na família e partir daí, vão surgindo novas vertentes e novos desdobramentos a partir das relações que o sujeito estabelece em outros contextos. (GOMES, 2003)

A criança negra que em casa era educada pelos pais desde cedo a gostar de si e da sua estética, se depara com um espaço estranho que quebra essa valorização familiar, através da preocupação com a aparência criada em torno do cabelo afrodescendente na escola. (FELIX, 2010)

Com relação a esse posicionamento da escola, nos diz Gomes (2002, p.45)

A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e também de estética. Para estar dentro da escola é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e aos preceitos higienistas.

A escola impõe para a família negra a exigência de arrumar o cabelo. Mas por vezes o cuidado das mães não é o suficiente para evitar que a criança negra se torne alvo de apelidos pejorativos e piadas no âmbito escolar. Dentre os apelidos que se referem ao cabelo, aparecem cabelo de bombril, nega do cabelo duro, cabelo de picumã, entre outros. Segundo Gomes (2002, p.45) “[...] esses apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência.”

Essas associações, no espaço escolar, por vezes, tendem a se transformar em representações coletivas negativas sobre o negro e sobre o cabelo afro. É de extrema importância que os profissionais da educação compreendam que existem variações com relação à cultura, raça, classe, contexto histórico e político que devem ser considerados para além da simples significação social mais ampla e genérica do cabelo. (GOMES, 2002)

A manipulação do cabelo é uma técnica corporal e um comportamento social que esta presente em vários momentos históricos e nas mais diversas culturas, contudo para o negro,

principalmente no nosso país, esse processo não acontece sem conflitos. Essa relação conflituosa pode contribuir para a manifestação de sentimentos de rejeição, baixa auto-estima, e negação ao pertencimento étnico racial do indivíduo. As diversas representações construídas com relação ao cabelo negro alimentadas pelo contexto de sociedade racista em que vivemos influência diretamente no comportamento individual de cada indivíduo. (*Ibidem*)

Em alguns casos, a maneira como a criança é vista no seio familiar e o cuidado da mãe, possibilitam a construção de uma representatividade positiva sobre ser negro (a), o que gera a busca por estratégias e alternativas particulares para cuidar do cabelo crespo. A intimidade da esfera subjetiva que compõe esse processo não pode ser alcançada em sua totalidade nem mesmo por intervenção da família ou de qualquer outro da escola, pois “[...] a relação do negro com o cabelo nos aproxima dessa esfera mais íntima”. (Gomes, 2002, p. 46)

Gomes (2002, p. 50) ressalta ainda que “cortar o cabelo, alisá-lo, raspá-lo, mudá-lo pode significar não só uma mudança de estado dentro de um grupo, mas também a maneira como as pessoas se vêem e são vistas pelo outro; o cabelo compõe um estilo político, de moda e de vida”. O cabelo é veículo que possibilita a transmissão de diferentes mensagens, que podem gerar uma infinidade de leituras e interpretações possíveis.

A luta pela construção de uma identidade negra positiva partindo do seio da sociedade brasileira que ensina desde cedo à criança negra que a aceitação é resultado de uma negação de si mesma é um grande desafio para os negros brasileiros e para todos os envolvidos nesse processo. (GOMES, 2003)

O caminho da construção da identidade negra positiva se constitui de passos pequenos e solitários em meio ao cotidiano escolar. Durante esse caminhar alguns alunos negros buscam constantemente representações que possam ajudar-lhes a resistir e superar à imagem preconceituosa e estereotipada que lhes é atribuída cotidianamente. Contudo, com relatam Mizael e Gonçalves (2015, p.18) tais “[...] Representações estas que não são exploradas pela professora, por isso da solidão do indivíduo. No entanto, também existem vários movimentos negros que procuram colocar em destaque sua cultura, sua estética e história, de maneira a resistir a essa discriminação racial”.

Gomes (2003, p.6) ressalta que,

Nesse sentido, quando pensamos a articulação entre educação, cultura e identidade negra, falamos de processos densos, movediços e plurais, construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história, nas relações sociais e culturais. Processos que estão imersos na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, entre a memória e a história.

Nem sempre os professores e professoras compreendem que por trás da recusa e da timidez, existe um complexo de inferioridade construído com relação ao negro que se estende por toda a sua trajetória escolar e social. Percebe-se que a ausência da discussão sobre essas questões no espaço escolar e na formação de professores, contribui diretamente no reforço de representações negativas sobre o negro. (GOMES, 2003)

É necessário o desenvolvimento de atividade pedagógicas intencionais que tenham como foco as relações raciais, que se constituam com o sentido de desconstrução de estereótipos e da discriminação racial, e que visem à construção de um caminho arraigado em uma perspectiva antirracista. (MIZAEL e GONÇALVES, 2015)

Considerações

Assim como a escola enquanto instituição formadora reproduz representações negativas sobre o corpo negro e o cabelo crespo, a mesma pode contribuir na construção de um caminho onde as crianças aprendam a superar tais representações, construindo em seu lugar uma aprendizagem significativa voltada para o respeito com relação às diferenças. Contudo, tais temáticas precisam ser valorizadas e merecedoras de um espaço para diálogo nos currículos e nas discussões pedagógicas.

As experiências vivenciadas ao longo da trajetória escolar marcam profundamente a vida dos indivíduos. Esse percurso escolar do aluno negro é vivenciado cotidianamente pela reprodução de estereótipos voltados a cor da pele, cabelo e a identidade negra.

A corporeidade negra oriunda da ancestralidade africana e afrobrasileira precisa ser vivenciada de forma positiva no espaço escolar. Entende-se por fim que a mesma, constitui-se como um espaço não só de reprodução dos estereótipos, mas sim de superação dessas representações negativas e fortalecimento do empoderamento e identidade negra.

REFERÊNCIAS

CUNHA Jr., Nós, afro-descendentes: história africana e afrodescendente na cultura brasileira. In: Jeruse Romão. (Org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. P. 249 – 273. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=649-vol6histneg-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 29 set. 2016

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educ. Pesqui. vol.29 no.1 São Paulo Jan./ Jun 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100012 >. Acesso em: 28 set. 2016

_____. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo:** reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? Scielo.br. Nº 21, Set/Out/Nov/Dez 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf> >. Acesso em: 23 set. 2016.

FELIX, Sayara de Brito. **Cabelo bom, cabelo ruim:** A construção da identidade afrodescendente na sala de aula. Revista África e Africanidades, ano 3, nº 11, novembro 2010. Disponível em: < http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_25.pdf >. Acesso em: 28 set. 2016

MIZAEL, Náide Cristina de Oliveira; GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias. **Construção da identidade negra em sala de aula:** passando por bruxa negra e de preto fudido a pretinho do poder. Revista Eletrônica da Pós-Graduação em Educação –UFG – Regional Jataí. v.11, n. 2, 2015. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/download/38792/20336> >. Acesso em: 28 set. 2016